

QUENTE COMO O INFERNO: Análise de Violações de Direitos Humanos em Discursos Religiosos

Hot as Hell: Analysis of Human Rights Violations in Religious Discourses

DOI: 10.5935/1984-9044.2025004

Jaqueline Aparecida Dias Tristão¹¹

Fernando César Paulino-Pereira¹²

Maria Vitória Ferreira¹³

Efigenia de Fátima Barbosa¹⁴

RESUMO: O presente trabalho traz em seu bojo questões relacionadas com a violação de direitos humanos e a construção da identidade de um jovem homossexual, obtidas a partir do livro “Quente como o Inferno”, da autora Marcela M. R. Talavus (2021). O mesmo é resultado de um trabalho de conclusão de curso, cujo objetivo é identificar e discutir como discursos religiosos sobre homoafetividade atingem diretamente a construção da identidade de pessoas LGBTQIAPN+ a partir da análise da história de vida de Benjamin Parker. Os autores que serão base para esse texto são Agnes Heller (1985), Ciampa (1987), Mesquita & Perucchi (2016), entre outros, que, juntamente ao materialismo histórico-dialético, irão construir tal arcabouço teórico. Pode-se considerar que Benjamin Parker conseguiu superar a identidade de filho-do-pastor, para se considerar então o namorado-do-diabo, consciente de seus atos, desejos e do amor de Deus por si.

PALAVRAS-CHAVES: Identidade humana; Direitos humanos; LGBTQIAPN+; Discursos religiosos.

ABSTRACT: The present work brings with it questions related to the violation of human rights and the construction of the identity of a young homosexual, carried over from the book “Quente como o Inferno”, by the author Marcela M. R. Talavus (2021). This study is the result of a course conclusion paper, whose objective is to identify and discuss how religious discourses on homoaffectivity directly affect the construction of the identity of LGBTQIAPN+ people from the analysis of Benjamin Parker’s life story. The authors who form the basis of this text include Agnes Heller (1985), Ciampa (1987), Mesquita & Perucchi (2016), among others, who, together with historical-dialectical materialism, constitute the theoretical framework. It can be considered that Benjamin Parker managed to overcome the identity of the shepherd’s son, to consider himself the devil’s boyfriend, aware of his actions, desires and God’s love for him.

KEYWORDS: Human identity; Human rights; LGBTQIAPN+; Religious speeches.

11 Universidade Federal de Catalão (UFCAT) | <https://orcid.org/0009-0005-7613-3269> | tristaojaqueline1825@gmail.com

12 Universidade Federal de Catalão (UFCAT) | <https://orcid.org/0000-0003-3105-4434> | epifania.cps@gmail.com

13 Universidade Federal de Catalão (UFCAT) | <https://orcid.org/0000-0002-9411-7650> | mavitoria.ferreira@gmail.com

14 Universidade Federal de Catalão (UFCAT) | <https://orcid.org/0009-0002-1014-3622> | efigeniabarbosa00@gmail.com

INTRODUÇÃO

Segundo a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), todos são iguais perante a lei e, portanto, é assegurado às pessoas o direito à vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade, porém, o que se vê todos os dias nas mídias sociais e em outros meios de comunicação de massa, são as violências enfrentadas pela comunidade LGBTQIAPN+¹⁵. A necessidade de pesquisar sobre a temática se reveste de elevado alcance social, político, cultural e científico, na medida em que se procura promover uma reflexão sobre as repressões sofridas por essa população, já que esse fator prejudica o processo de emancipação. De acordo com Paulino-Pereira (2006, p. 54), o tornar-se humano é a “primeira e constitutiva” emancipação do sujeito, entretanto esse movimento acaba sendo prejudicado por conflitos políticos e sociais coercitivos.

Nesse sentido, o trabalho é justificado social e cientificamente pela importância e necessidade de compartilhar as vivências da população LGBTQIAPN+ na produção científica, a fim de trazer e, ao mesmo tempo - construir - perspectivas para a área da psicologia enquanto ciência e profissão. A pesquisa contribuirá, portanto, para que o meio acadêmico discuta as atitudes opressoras e intolerantes do sujeito, comportando-se criticamente e, dessa forma, buscando entender os impactos na vida cotidiana e na formação da identidade.

Sendo assim, o objetivo geral tem como proposta identificar, a partir da análise da história de vida de Benjamin Parker, personagem protagonista do livro “Quente como o inferno”, escrito pela autora brasileira Marcela Talavus e publicado pela editora Euphoria em 2021, como os discursos religiosos acerca da homoafetividade atingem diretamente a identidade de pessoas LGBTQIAPN+. Em conjunto, os objetivos específicos possuem a finalidade de compreender as relações pessoais e coletivas na construção da identidade dos personagens da obra supracitada, bem como a construção da identidade desses mesmos dentro de uma perspectiva histórico-dialética, apontando violações de direitos humanos em discursos ideológico-religiosos.

Esta é uma pesquisa, metodologicamente, de abordagem qualitativa sobre a história de vida de Ben, um jovem ingênuo e religioso, filho do pastor da igreja local, cujas crenças são postas à prova ao apaixonar-se por Lúcifer. A pesquisa se classifica como qualitativa, pois corresponde a questões particulares, preocupando-se com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Assim, trabalha-se com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2002).

Orientamo-nos também pela epistemologia do materialismo histórico, que tem como método de investigação a dialética. Nessa leitura, o pensamento adotado é que não existe nada que esteja pronto ou acabado, não há ideias que possam ser estabelecidas como verdades ou verdades que possam ser ditas como únicas, tudo o que existe na vida está em constante mudança, sujeita à própria história. A proposta é enxergar como a identidade é construída juntamente com a influência da inter-relação grupal, já que esta é movimentação, construção, algo que muda a cada dia, que evolui, que regride, que vai e vem, como afirma Ciampa (1987).

Foi realizada uma análise das categorias utilizadas pela teoria psicossocial da identidade: identidade-metamorfose-emancipação. Isto é, a análise proposta não deve esgotar o material de pesquisa já existente, tampouco pretende levantar verdades e convicções. Essa pesquisa é apenas a superfície diante da imensidão que é possível adentrar. É esperado suscitar a curiosidade para

15 A inserção de mais siglas faz memória às pessoas que se identificam como Pansexuais e Não-binárias. Nota-se a utilização dos termos em artigos acadêmicos a partir do ano de 2021.

que outros estudiosos se inteirem do assunto, complementem e ampliem os estudos sobre as questões relacionadas às violências enfrentadas socialmente pela comunidade LGBTQIAPN+.

Para a realização da investigação, serão analisadas as narrativas de história de vida das personagens como expressões potenciais da atribuição de novos sentidos à existência, na construção de uma identidade caracterizada por movimentos de reposição e/ou de superação, tendo em vista avaliar eventuais sentidos emancipatórios.

É importante ressaltar que este trabalho foi construído após um ano de pesquisa no projeto “Identidade-Metamorfose-Emancipação: Processos de construção e transformação. O projeto tem como finalidade investigar, com uma leitura dialética, como os grupos e seus atores sociais desenvolvem a identidade, sendo que esta pode ser influenciada tanto pelas relações como pelo cotidiano.

REFERENCIAL TEÓRICO

Agnes Heller (1985, p. 17-18) alterca em sua teoria da vida cotidiana que o sujeito inserido na “cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade”. Diante disso, é possível afirmar que a vida cotidiana é a vida de todo sujeito, sendo esse inteiro e envolto de uma totalidade, e mesmo que tal indivíduo tente se desvincular deste movimento, ninguém consegue se desligar inteiramente da vida cotidiana, uma vez que já se nasce inserido nessa estrutura de reprodução de papéis sociais.

O amadurecimento do homem é um sinônimo de que ele possui todas as habilidades necessárias para viver por si só nessa cotidianidade, evidenciando “[...] que a assimilação da manipulação das coisas é sinônimo de assimilação das relações sociais” (Heller, 1985, p. 19). Entende-se, portanto, que essa assimilação promove um amadurecimento do sujeito, estabelecendo mediação entre normas, moral, ética, costumes e outras interações maiores das relações sociais.

Concomitante a isso, Berger e Luckmann (1985, p. 175) apontam que “a socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade”, já a secundária “é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo” (escola, trabalho, igreja etc.). Por esse ângulo, se entende que esses processos estão presentes desde o início da vida do sujeito e vão ditar como tais assimilações foram interiorizadas. Dessa forma, ao incorporar os elementos da cotidianidade, o indivíduo se tornará capaz de viver de forma autônoma no mundo das interações sociais, movimentando-se no ambiente da sociedade geral, uma vez que é na cotidianidade que está a verdadeira essência da substância social, sendo o centro do acontecer histórico, “histórias partem da vida cotidiana e a elas retornam” (Heller, 1985, p. 20).

Assim sendo, ao considerar o sujeito como produto histórico e social, a partir do materialismo histórico-dialético, se assimilam as relações entre indivíduo e sociedade, não só de uma historicidade, mas até mesmo para compreender o coletivo e como tais interações se dão atualmente.

A reconstrução histórica procura focalizar as diferentes relações existentes em espaços e tempos diversos e as conexões e desconexões que ocorrem nesse processo, os quais caracterizam situações de reposição ou de superação das identidades. Nesta intersecção, entre o individual e o coletivo, torna-se imprescindível o uso da memória para a reconstituição do passado. Ela, a memória, é considerada, portanto, um recurso fundamental para a apreensão da identidade/história (Paulino-Pereira, 2006, p. 58-59).

Nesse sentido, se a reconstituição do passado for baseada em uma memória violenta, repressora e opressora, o sujeito tem seu processo de construção totalmente inverso ao histórico. Em suma, sua emancipação seria prejudicada, e “[...] aí encontramos a natureza política da identidade. Há sempre um conflito político na formação de identidade de grupos e de pessoas, provocado pelo poder internalizado subjetivamente e, de alguma forma, exteriorizado objetivamente” (Paulino-Pereira, 2006, p. 54).

Ciampa (1987) faz uma crítica às teorias de personalidade, as quais passam uma ideia de identidade como algo fixo e imutável, entretanto, para ele, a identidade sempre está em movimento. “Assim, a identidade que se constitui no produto de um permanente processo de identificação aparece como um dado, e não como um dar-se constante, que expressa o movimento do social” (Ciampa, 1987, p. 178).

Logo, entende-se que a identidade é formada, mantida e modificada quando em contato direto com as relações sociais. “As identidades em conjunto constituem a sociedade ao mesmo tempo em que são por ela constituídas.” (Paulino-Pereira, 2006, p. 58). Nesse sentido, torna-se possível investigar questões da identidade para compreender amplamente a inserção entre coletivo e indivíduo e, diante disso, reconstruir uma historicidade, vendo se houve reposição ou superação da identidade. E é assim que se obtêm informações de uma totalidade – pela singularização do universal. “O que assimila a cotidianidade a sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente” (Heller, 1985, p. 20).

Diante da assimilação da cotidianidade, os papéis sociais não surgem casualmente, mas são resultados de numerosos fatores da vida cotidiana. Uma vez que o sujeito já nasce no mundo “feito”, com uma estrutura própria de sistema, estereotipado e constituinte de um funcionamento reflexo condicionado pelo homem, permite-se então, mecanizar a maioria de suas práticas e ações, tornando-as costumeiras.

O sujeito nasce e cresce – em determinado momento da sua vida – dentro de papéis que foram estabelecidos por seus responsáveis, e por meio de assimilação e imitação, é possível aprender “como” se comportar em sociedade. Heller (1985, p. 20) afirma que quem “[...] assimila a cotidianidade de sua época assimila também com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação não possa ser consciente, mas apenas em si”. Isto é, o indivíduo terá condições de assimilar sua realidade, entretanto não terá recursos suficientes para elaborar alguns pontos do cotidiano.

Até o homem mais autônomo e mais moralmente consciente é incapaz de avaliar moralmente todos os passos que dá, todas as atitudes que toma. Sempre existem na vida humana determinados pontos nevrálgicos nos quais se projetam muito intensamente os problemas da escolha moral (Heller, 1985, p. 89).

Dito isso, entende-se que inúmeros discursos de ódio dos quais a comunidade LGBTQIAPN+ recebe diariamente estão relacionados à herança moral de um passado pautado nas normas religiosas. Pelo ponto de vista de Netto e Dantas (2022, p. 191), tais discursos estão conectados também “[...] em nome de uma suposta “Liberdade de Pensamento”. Aqui, portanto, não se está a falar de uma mera questão de “opinião”. Fala-se em ofensa, em ilícito e, até mesmo, em crime”. Com isso, Heller (1985, p. 91) alega que a pessoa “intimamente vinculada com as normas da comunidade sente a presença da sociedade mesmo quando esta não está presente”. Ao unir esses processos ao discurso da existência da onisciência e da onipresença de uma divindade

que segue esse sujeito, e mesmo que não haja a presença real desse ser, nota-se que há a presença demoníaca como punição de ações moralmente ruins.

Ainda sobre os papéis sociais e a reposição do mesmo, Heller (1985) trará que, quando há uma recusa de algum papel social imposto, ele é aversivo, deturpando o bem-estar do sujeito. Por exemplo, no caso da obra escolhida, espera-se que o homem tenha uma representação masculina, viril e heteronormativa, e quando se foge disso, o sujeito tem sua individualidade anulada e descaracterizada.

A partir desses ideais de representação, Goffman (1891) discorre que a pessoa estigmatizada se manifesta tentando repor os papéis como um status de normalidade. O autor pontua que o sujeito considerado defeituoso frente à sociedade se transforma em alguém que procura provas de que corrigiu esse defeito. “Pode-se acrescentar que a pessoa estigmatizada algumas vezes vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de um para a outra, tornando manifesta, assim, uma modalidade fundamental na qual a interação *face-to-face* pode tornar-se muito violenta” (Goffman, 1891, p. 18).

Esta reposição está relacionada com o conceito de *mesmice*, de acordo com Aluísio Ferreira de Lima (2012), cujo conceito se mostra por meio do impedimento da emancipação, uma espécie de fetichismo do personagem empregado pelo sujeito, ou seja, a cristalização dos papéis sociais. Há casos em que o sujeito não conhece outra possibilidade do que as que lhe foram impostas, portanto, essa *mesmice* ocorre pela falta de conhecimento da emancipação. Ao contrário disso, quando ocorre o processo de superação, ou seja, quando há conhecimento da emancipação, ocorre o que Lima (2012) aponta como *mesmidade*, em outras palavras, é uma superação do personagem vivido pelo indivíduo.

Sabendo isso, é importante pensar como essas questões perpassam a vida cotidiana, pois compreende-se aqui que o pensamento cotidiano é o pensamento fixado nas experiências, ou seja, é empírico, retido pelas observações do mundo e ultrageneralizador. Ultrageneralização é essa que, segundo Heller (1985), pode ser encontrada por meio de características de pensamentos e comportamentos cotidianos, em que se assumem estereótipos, analogias e esquemas já elaborados por meio das atividades heterogêneas. “Toda ultrageneralização é um juízo provisório ou uma regra provisória de comportamento: provisória porque se antecipa à atividade possível e nem sempre, muito pelo contrário, encontra confirmação no infinito processo da prática” (Heller, 1985, p. 44).

Nesse sentido, o preconceito é apresentado como um pensamento e/ou comportamento cotidiano ultrageneralizador, que possui, então, juízo provisório, em suma, “falso”, visto que para a ciência é uma opinião que pode ser comprovada ou refutada, mas na vida cotidiana é um saber, ou seja, faz diferença. Heller (1985, p. 47) explica que “o afeto do preconceito é a fé”, pois, como aparato religioso, “costuma ser mais intensa e mais incondicional” (Heller, 1985, p. 33).

Segundo August Thalheimer (2014), a religião é definida como um produto da fantasia, da inspiração individual de cada sujeito, contrariamente à concepção do mundo moderno, ou seja, a religião se baseia na crença enquanto a ciência se baseia no conhecimento. Entretanto, a fantasia religiosa tem uma base experimental interpretada à maneira do sujeito, que consiste em dar uma interpretação fantástica a um grupo de fatos conhecidos socialmente, seja na natureza ou na história, e é assim que se apresenta Deus, espíritos, demônios, dentre outros seres possuidores dos fenômenos da natureza. A partir do monoteísmo, a natureza não é governada por numerosos deuses ou demônios, mas por um único Deus, um ser fantástico que habita além do mundo, cuja base é representada pelo próprio homem, onde os poderes são infinitos e sem relação alguma com o corpo material. Thalheimer (2014) apresenta que a essência deste Deus é composta pelo Pai, o Filho, e o Espírito Santo.

A religião é, portanto, considerada como uma verdade absoluta e representa a coletividade, ou seja, a massa popular, incluindo até mesmo seus representantes, como pastores, reverendos e sacerdotes. Ela serve de instrumento a classes sociais dominantes e se mantém pela obediência e submissão das classes exploradas, seguindo regras estabelecidas por uma espiritualidade sancionada por castigos e punições para quem a viola.

A punição, execução e violações das regras religiosas foram usadas contra o que posteriormente denominaríamos de homossexualidade. De acordo com Mesquita e Perucchi (2016), conceitualmente, a homossexualidade é representada como o desejo e as relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero. As autoras indicam também que a Igreja Católica Apostólica Romana passa a perceber essas relações como pecado e, por consequência, as abomina, baseando-se em trechos da Bíblia. Logo, as justificativas para as violências sempre se apresentam pautadas em textos bíblicos, interpretados literalmente pelos religiosos e se repetindo por séculos na historicidade humana.

Investigações apontam que existem três passagens da Bíblia que fazem referência direta a atos homossexuais. As duas primeiras no Velho Testamento, no contexto da purificação, e a terceira se situa no Novo Testamento, quando o apóstolo Paulo descreve os rituais orgiásticos idólatras dos gentios romanos. Como dito no Velho Testamento, teremos as seguintes citações: “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. Isso é abominável!” (Bíblia, s.d.a - Levítico, 18:22); “O homem que se deitar com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação, deverão morrer, e seu sangue cairá sobre eles” (Bíblia, s.d.a - Levítico, 20:13); e no Novo Testamento, temos: “E, semelhante, também os varões, deixando uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo que convinhem ao seu erro” (Bíblia, s.d.b - Romanos 1:26-27).

Saulo Pinto e Eliane Pinto (2022) apontam que há uma diferença grande entre propagar a crença e discriminar pessoas, pois a religião não serve para “humilhar, discriminar, ridicularizar, condenar ao inferno ou trazer infelicidade a outro ser humano”. Excluir as pessoas LGBTQIAPN+ dos espaços e discursos religiosos é impossibilitá-las ao acesso a algo que também é delas, afinal, elas possuem o direito de escolher uma crença e encontrar “resguardo, acolhimento, e plenitude” (Pinto & Pinto, 2022, p. 12).

Para os autores, ter comportamentos ofensivos e falas lgbtfóbicas pautando-se na Bíblia não é justificável, dado que o mesmo Levítico que abomina relações afetivas e sexuais entre homens, também abomina a utilização de roupas com tecidos diferentes, comer frutos do mar, comer carne de porco, fazer barba, cortar o cabelo de forma arredondada, tatuagens, fofocas, trabalho aos sábados e comidas gordurosas. E “apesar da ampla gama de proibições ou abominações que a bíblia apresenta, apenas os homossexuais são recriminados”, alertando ao preconceito e discriminação existente nas pregações religiosas, visto que outras limitações foram ignoradas (Pinto & Pinto, 2022, p. 12).

Dito isso, os sujeitos justificam seus preconceitos optando por um caminho mais fácil, cristalizando seus comportamentos pela fé e usando da violência para manter a dominação sobre o outro que é negado. Heller (1965, p. 61) discorre que “é fácil crer no que crê a multidão” e para nos libertarmos dos preconceitos, é preciso assumir “o risco do erro” e apostarmos em novas formas de pensar (Heller, 1965, p. 63). A Bíblia tem sua relevância histórica e religiosa, entretanto, ela deve ser interpretada “de acordo com o período que foi escrita, tendo a sociedade evoluído o suficiente para deixar de segregar” a população LGBTQIAPN+ (Pinto & Pinto, 2022, p. 12).

ANÁLISE

A relação entre a narrativa de Benjamin e a teoria da Psicologia Social Crítica

A infância é o início do acontecer histórico do sujeito, é onde este irá aprender todos os estímulos dispostos no ambiente em que está inserido. Essa mediação tem o nome de socialização primária, na qual cabe à criança observar, absorver e reproduzir as informações ensinadas. A partir do momento em que surgem as ramificações para o mundo exterior, ou seja, na socialização secundária, o sujeito será capaz de reter criticamente todos os conhecimentos que obteve nesta primeira socialização, desenvolvendo sua subjetividade. Posto isso, Heller (1985) discorre que estes dois processos permeiam a vida do sujeito, ditando como as assimilações foram interiorizadas e, só assim, após incorporar elementos da cotidianidade, o indivíduo se tornará alguém capaz de viver de forma autônoma no mundo das interações sociais.

Ao encontro disso, analisando a história de vida de Benjamin Parker, é possível entender os impactos sofridos no cotidiano, bem como na formação de sua identidade.

– Calebie¹⁶, acho que preciso voltar para casa, senão o papai não permitirá que eu saia com você novamente – Ele sequer havia terminado de comer, mas era um garoto muito obediente e preocupado. [...] – Por favor, apenas vamos – pediu de forma manhosa e arrastada. Parker sempre odiou desobedecer ou desagradar seus pais, ele não era do tipo rebelde sem regras, pelo contrário (Talavus, 2021, p. 31).

Na obra, o protagonista apresenta um processo de socialização secundária prejudicada e inteiramente distorcida. Benjamin vivenciou seus dezoito anos dentro da igreja, e apenas a serviço dela, privado de contato com outras pessoas, o que lhe proporcionou uma experiência de vida diversificada. Vê-se, assim, um processo de construção de identidade coercitivo, no qual o garoto passou e não passou por uma socialização secundária, já que há um contato com o mundo exterior, mediado de forma violenta pelos seus responsáveis.

Essa dinâmica, segundo Paulino-Pereira (2006), acaba por desumanizar o sentido histórico do tornar-se humano. Ben era tido como um “garoto tão inocente, tão bem preservado por seus pais, não conhecendo nada sobre a verdadeira face das pessoas” (Talavus, 2021, p. 16). O personagem expõe uma deturpação na assimilação referente ao funcionamento das interações sociais, pois é justamente nessa socialização secundária – da qual ele começou a vivenciar com a chegada de Caleb – que o sujeito será apresentado ao mundo objetivo.

É notório, para Heller (1985), que a vida cotidiana já está posta, impossibilitando o sujeito – mesmo que ele queira – de se desvincular deste movimento devido à reprodução de papéis que é dado. É esperado pelos pais de Benjamim que ele tenha apenas um papel social: o de filho, adequado aos preceitos religiosos e conservadores da família. Já que Ben “tinha apenas dezoito anos e não sabia absolutamente nada sobre a vida fora dos muros de proteção criados por seus pais; não entendia a real maldade das pessoas, era demasiadamente ingênuo” (Talavus, 2021, p. 17). Diante disso, o protagonista absorve e acredita que agir de tal forma é correto, utilizando até mesmo os argumentos dos pais para embasar suas crenças, absorvendo-os como seus.

¹⁶ É comum usar o honorífico “ie” quando as pessoas são próximas ou com crianças. É uma forma carinhosa de se referir a alguém que se tem intimidade (Cardoso, 2020).

Não me entenda mal, é que podem pensar que somos um casal de namorados, sabe – Falou extremamente baixo, parecia que contava um segredo. [...] Calebie, meu pai me ensinou que homens não podem gostar de outros homens dessa maneira. Não é algo que agrada ao Senhor. Está na Bíblia, você nunca leu? (Talavus, 2021, p. 32)

Tal condição submissa gera em si a culpa acerca de seu caráter individual, pois ao se descobrir apaixonado por outro homem, este estado o liga a um desvio daquilo que é esperado. Ao longo da sua narrativa, é nítido que a situação envolveu inúmeros conflitos internos ligados à sua autoestima e heteronomia, uma ética com normas de conduta providas exteriormente ao sujeito, ou seja, os atos são alimentados pelo social e internalizados como verdade. Entende-se, portanto, que o “ódio de si”, conduta manifestada no personagem, não seria um ódio limitado somente a ele, mas também a um grupo social.

“– VOCÊ É UMA ABERRAÇÃO! [...] – PORQUE VOCÊ FEZ ISSO COM A NOSSA FAMÍLIA? [...] – Me desculpa, papai. Eu juro que não é de propósito... Eu só gosto dele. Já quis mudar isso, mas não consigo. Eu juro.” (Talavus, 2021, p. 126).

Os conhecimentos de Benjamin para com o mundo externo sofrem uma grande influência das crenças de seu pai, dificultando que ele tenha reflexões críticas produzidas a partir de outros contatos com as relações sociais durante sua vida. Assim como Ciampa (1987, p. 3) nomeia que existe no sujeito uma “voz do grupo que fala por e através dele”, no caso, seu pai e toda uma religião dogmática, causando no garoto esta ambivalência supracitada devido a submissão e ausência de autonomia do sujeito.

– O que levítico fala sobre homossexuais? – Seu pai estava sendo duro como não era há tempos. [...] – Com homem não te deitarás como se fosse mulher; é abominação – a fala soava como extremamente decorativa, suas palavras eram exatamente como as que existiam na Bíblia Sagrada, como uma espécie de mantra (Talavus, 2021, p. 49).

Paulino-Pereira (2006) comenta que em contextos assim se estabelecem as políticas de identidade, pois há sempre um conflito político na formação da identidade de pessoas e grupos, provocado por este poder internalizado subjetivamente no acontecer histórico que de certa forma se torna algo exteriorizado objetivamente no social.

Vale considerar que, para Ciampa (1987), a identidade é uma constante metamorfose em busca de uma possível emancipação durante a vida, e dentro da história de vida de Benjamin, quando ele finalmente tem indícios de estar vivenciando a socialização secundária após conhecer Caleb, é possível encontrar demonstrações emancipatórias. É a partir deste contato com o anjo caído que Ben começa a desenvolver o que o autor chama de identidade política, um movimento que se inicia internamente, mas acaba se tornando uma luta individual do garoto, acreditando em seus papéis e buscando a garantia de igualdade de direitos. Assim, “O misto de sentimentos que existia em Benjamin não era criado e alimentado por uma luta entre Deus e o Diabo, e sim uma quebra moral de conceitos chulos e implantados” (Talavus, 2021, p. 87).

A partir disso, ao focar nas memórias do protagonista, rememora-se o que Heller (1985) disse: o que assimila a cotidianidade de sua época assimila também o passado da humanidade. Na obra, seu ambiente inóspito e opressor apresentava conexões de diferentes relações existentes em espaços e tempos diversos que remetem a violações nítidas dos direitos humanos em discursos religiosos dogmáticos.

“– Eu criei meu filho para ser um servo de Deus, para ser um pastor e ir para o céu [...] – Mas ele se misturou com você e agora está sujo, impuro. Quando olho, sinto nojo, ânsia, não enxergo meu filho” (Talavus, 2021, p. 105).

Como Thalheimer (2014), a religião é reservada a fantasia de cada sujeito sem comprovações científicas de seus atos, salientada apenas em interpretações individuais de cada seguidor, é tida como uma verdade absoluta irrefutável que se mantém pela obediência. Há sempre à espreita uma perspectiva de punições para os violadores das normas impostas nesse contexto. Na história de Bem existem inúmeras cenas de agressão em que seu pai lhe direcionou as seguintes frases: “– VOCÊ ACHA QUE O SENHOR IRÁ AMÁ-LO? [...] SE CONTINUAR NESTE CAMINHO QUEIMARÁ NO INFERNO!” (Talavus, 2021, p. 48).

Benjamin foi mais um garoto que teve seu corpo e individualidade violados por uma cultura repressora que acredita na dominação das escolhas, a fim de impor que o caminho religioso é o único possível. Na mente de seu pai, ele o criou com muito amor, carinho e disciplina para que, ao final das contas, seu filho lhe retribuísse “[...] com desgosto e vergonha, sendo deste jeito: uma aberração?!” (Talavus, 2021, p. 123) apenas por amar um semelhante a si. Os pensamentos distorcidos de Hector sobre uma verdade religiosa tida como dogmática fizeram com que ele fantasiasse um controle sobre o corpo alheio visto como normal, suscitando assim o que Heller (1985) aponta como uma tentativa de submeter a particularidade ao genérico e converter esta intimação em motivação interior.

Entretanto, a autora também compreendia que era comum ao sujeito uma escolha relativamente livre (autônoma), mesmo que o grau de individualidade pudesse variar conforme seu contexto social, onde seu desenvolvimento é antes de tudo função de sua liberdade ou da possibilidade da mesma. Nesse sentido, quando Parker absorve inteiramente o papel de namorado do anjo caído, ele atinge o que, de certa forma, procurava desde que sua transformação se tornou consciente. Como Ciampa (1987) discute em seus estudos, não bastava somente simular uma caricatura de seu novo papel – o Benjamin-de-hoje – é imprescindível identificar-se como ele e com todo seu drama. Por mais que ao longo da narrativa o garoto tenha consciência de seus desejos, só superou seu papel, promovendo uma metamorfose, quando o filho de pai conservador começa a morrer e se assume homossexual, identificando-se e agindo com espontaneidade.

– Não mentirei para satisfazer seus desejos sujos – cuspiu as falas – Eu o amo. Ele me apalpou, me tocou várias vezes e sempre poderá me tocar. [...] Foi neste momento que Benjamin notou o quanto amava Caleb: quando já não tinha medo de enfrentar o seu maior pesadelo, quando sua vida estava em risco e ele não se calou. – Você quer ir para o inferno, Benjamin? [...] – O inferno é aqui, papai. [...] – Eu quis saciar meus próprios desejos, quis senti-los. Eu quem quis! Não fiz nada de errado, não acabei com a nossa família, você que fez isso! Aniquilou a vida da mamãe e a minha junto (Talavus, 2021, pp. 305-311).

Benjamin apresentou uma superação de sua mesmice e passou a desempenhar o papel de Benjamin-homem-gay quando Karen, sua mãe, lhe perguntou “– Você é gay?” e o garoto respondeu “– Sim, sim [...] eu sou gay [...] cada sim foi um passo para a liberdade interna, para o bem a si mesmo” (Talavus, 2021, p. 274). É perceptível que este personagem é ficcional e fruto da imaginação de alguém, mas representa fielmente o centro do acontecer histórico de todo um povo, sendo então possível captar a singularização do universal.

Ao voltar atentamente para a Constituição Federal de 1988, é notório que inúmeros direitos humanos – os quais deveriam ser garantidos a Ben – foram violados devido a sua sexualidade interpretada erroneamente por um pai opressor e intolerante. Assim, baseado no Art. 5º da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), ele foi vítima de torturas físicas e psicológicas, tratamento desumano, privado de direitos como o de ir e vir, por motivos de crenças religiosas. Teve sua intimidade e vida privada violadas nas inúmeras vezes que seu pai o agrediu por demonstrar o mais singelo contato afetivo com alguém do mesmo sexo. Além da privação e restrição à liberdade.

Ao longo da discussão obtida, pode-se ver que Benjamin Parker conseguiu superar a identidade de filho-do-pastor, para se considerar então o namorado-do-diabo, consciente de seus atos, desejos e do amor de Deus por si. A partir disso, pensamos se essa realidade é comum a alguns jovens LGBTQIAPN+ no Brasil, pois foi necessária a morte do pai – a representação do preconceito familiar – para que esse jovem pudesse se emancipar de quem ele era. Infelizmente, essa realidade de emancipação não se estende a todos esses indivíduos, pois há morte dos sonhos, das expectativas e até mesmo a morte de si.

CONCLUSÃO

Desenvolvido pouco a pouco, esta pesquisa contou com características particulares do Materialismo Histórico Dialético, pois a teoria trabalha principalmente com a consideração de todas as coisas, na Natureza e na História, como uma contínua transformação para desaparecer um dia, o que fica disposto como o exemplo da história analisada, uma vez que conscientemente Benjamin está construindo um processo inteiramente novo dentro das possibilidades que ele possui.

Dito isso, o método dialético contribuiu para que o objeto de análise fosse visto como um todo, isto é, em seu estado singular e plural. Com a metodologia utilizada, foi possível observar como ocorreu sua construção identitária em um ambiente tão hostil e violento. A base referencial possibilitou que aspectos específicos fossem trabalhados de maneira crítica, ofertando uma gama de questões analisadas por um respaldo teórico consistente.

Com isso, ao utilizar os aparatos históricos para observar o cotidiano do personagem, percebemos também que há muito que se fazer com a literatura no meio acadêmico, e para aumentar o movimento de pesquisas como esta, gostaríamos de fornecer uma reflexão aos leitores: afinal, é possível que uma pessoa seja a mesma após tantos danos lhe serem infligidos?

REFERÊNCIAS

Bíblia. (S.d.a). Romanos. Novo Testamento. *Bíblia sagrada online*. Recuperado em janeiro de 2022, em https://www.bibliaon.com/versiculo/romanos_1_26-27/.

Bíblia. (S.d.b). Levítico. Velho Testamento. *Bíblia sagrada online*. Recuperado, em janeiro de 2022, em <https://bibliaportugues.com/leviticus/20-13.htm>.

Berger, Peter & Luckmann, Thomas. (1985). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (Trad. F. de S. Fernandes). (24. ed.). Vozes.

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Senado Federal: Mesa Diretora.

- Ciampa, Antonio da Costa. (1987). *A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social*. (12. ed.). Brasiliense.
- Goffman, Erving. Estigma. (1981). *Nota sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. (4. ed.). Editora Brasiliense.
- Heller, Agnes. (1985). *O Cotidiano e a história*. Paz e Terra.
- Lima, Aluísio Ferreira de. (2012). A identidade como “problema” de pesquisa. *Revista ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(2), 215-229. Recuperado em setembro de 2021, em <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/987> .
- Minayo, Cecilia de Souza. (2002). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. (21. ed). Editora Vozes.
- Netto, Manuel & Dantas, Carlos Henrique Félix. “Raça Desgraçada” - Danos Morais e discurso de ódio contra a comunidade LGBTQIAP+: o julgamento da apelação cível N. 1026872-31.2020.8.26.0100 pelo TJSP e a necessidade de verificação de limites à liberdade de expressão. (2022). *Revista IBERC*. Recuperado em maio de 2023, em <https://revistaiberc.responsabilidadecivil.org/iberc/article/view/235/194> .
- Talavus, Marcela M. Rufino. (2021). *Quente como o Inferno*. (2. ed.). Editora Euphoria.
- Paulino-Pereira, Fernando César. (2006). Ampliando a Discussão sobre a Teoria da Identidade e Emancipação Humana. In F. C. Paulino-Pereira. “*Memória se faz na História*”: um estudo da identidade de metodistas militantes sociais orientados pela teologia da libertação. (pp. 54-74). [Tese de Doutorado] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recuperado em setembro de 2021, em <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17172/1/PSO%20-%20Fernando%20C%20%20Paulino%20Pereira.pdf> .
- Pinto, Saulo Goés & Pinto, Eline Paixão. (2022). A liberdade religiosa indevidamente utilizada como escudo para a prática da homotransfobia. *Revista Nova Hileia*. Recuperado em maio de 2023, em <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/novahileia/article/view/2733/1464>.
- Mesquita, Daniele Trindade & Perucchi, Juliana. (2016). Não Apenas em Nome de Deus: Discursos Religiosos sobre Homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114.
- Cardoso, Beatriz. (2020). Entendendo honoríficos coreanos: como chamar amigos e conhecidos? *Revista Koreain*. Recuperado em março de 2022, em <https://revistakoreain.com.br/2020/11/entendendo-honorificos-coreanos-como-chamar-amigos-e-conhecidos/#:~:text=%C3%89%20s%C3%B3%20usar%20o%20nome,seu%20amigo%2C%20ou%20com%20crian%C3%A7as> .
- Thalheimer, August. (2014). *Introdução Ao Materialismo Dialético: Fundamentos da Teoria Marxista*.